

2º Ciclo de Infância

**Apostila do aluno
2º Semestre 2011**

O espiritismo

Centro Espírita Emmanuel
baseado em apostila da FEB

2º Ciclo de Infância

A criação divina

- Aula 1 - O corpo, 2
- Aula 2 - O espírito, 9
- Aula 3 - Provas da existência de Deus, 15
- Aula 4 - Amor e sabedoria de Deus, 23
- Aula 5 - Independência do Brasil, 29
- Aula 6 - Amor à Deus, 32

A ligação do homem com Deus

- Aula 7 - Valor e ação da prece, 35
- Aula 8 - Condições necessárias à eficácia da prece, 42
- Aula 9 - Pai Nosso, 47

Bases do Espiritismo

- Aula 10 - Lei de causa e efeito, 54
- Aula 11 - Comunicabilidade dos espíritos, 60
- Aula 12 - Lei da evolução, 65
- Aula 13 - Pluralidade dos mundos habitados, 71
- Aula 14 - Allan Kardec, 75

Antecedentes do Cristianismo

- Aula 15 - O monoteísmo, 81
- Aula 16 - O decálogo, 85

Jesus e sua doutrina

- Aula 17 - A vida de Jesus, 87
- Aula 18 - Fatos extraordinários da vida de Jesus, 90

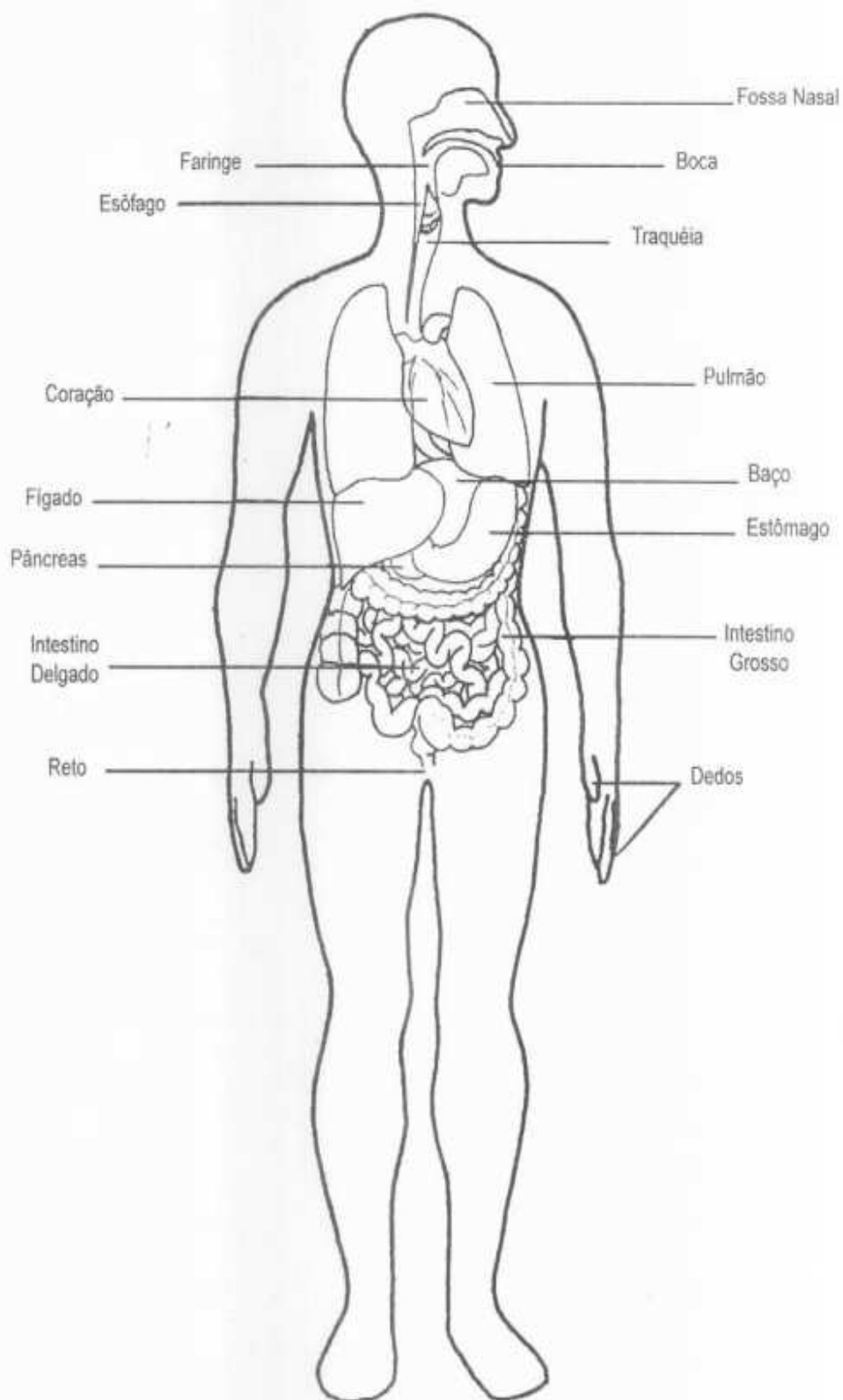
2º Ciclo de Infância

Modulo I

O Espiritismo

A criação divina

Aula 1- O corpo



A BARRIGA E OS MEMBROS

Certo dia ocorreu aos membros do corpo que só eles trabalhavam enquanto a barriga sozinha recebia toda a comida (ILUSTRAÇÃO 1).

Eles decidiram então fazer uma reunião, e, após longa discussão, resolveram entrar em greve até que a barriga concordasse em realizar uma parte do trabalho.

Durante alguns dias, as mãos se recusaram a pegar alimentos, e a boca se recusou a recebê-los.

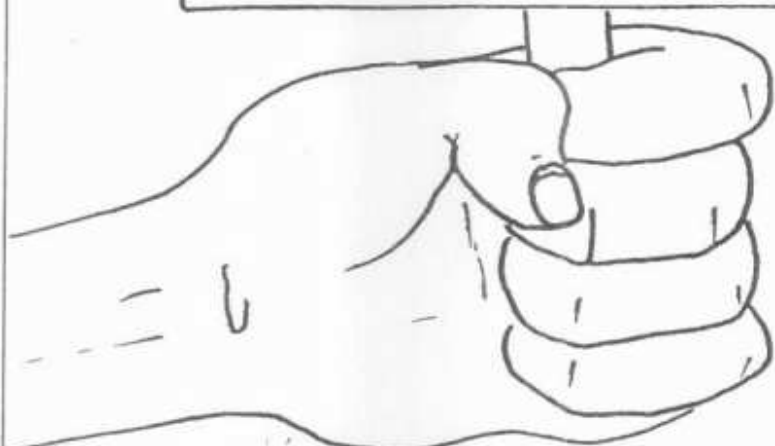
Passado algum tempo, no entanto, os membros começaram a se sentir fracos (ILUSTRAÇÃO 2).

As mãos não conseguiam se mexer, a boca murchou e as pernas nem eram capazes de se sustentar sobre os pés.

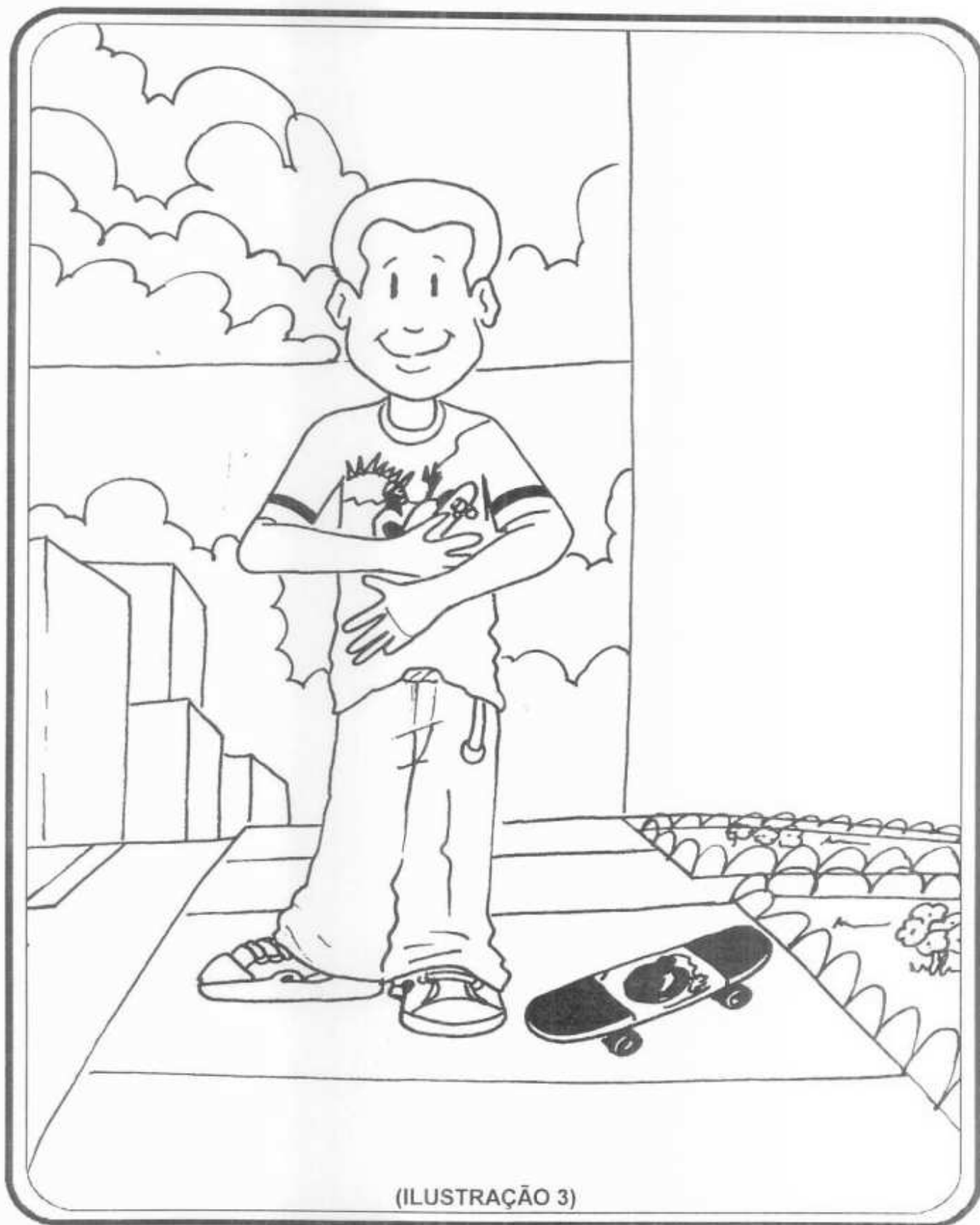
Assim os membros descobriram que a barriga, a seu modo, realiza uma tarefa importante para o corpo, e que todos devem trabalhar juntos e fazer a sua parte para que o corpo possa funcionar (ILUSTRAÇÃO 3).

* * *

GREVE



(ILUSTRAÇÃO 1)



(ILUSTRAÇÃO 3)

COM BASE NA HISTÓRIA, RESPONDAM ÀS SEGUINTE PERGUNTAS:

1. Quais órgãos são importantes para que estejamos vivos?
2. O que aconteceu com os órgãos que resolveram parar de trabalhar?
3. Podemos fazer algo para que os órgãos continuem a funcionar corretamente? Se sim, o quê?

* * *

AUTO-AVALIAÇÃO

Sabendo que o corpo é um presente de Deus para que possamos aprender e progredir, precisamos cuidar bem da nossa saúde. Mas você está cuidando direitinho?

Que tal fazermos uma auto-avaliação?

1. Leia atentamente cada item;
2. Assinale os pontos que represente você em cada aspecto, variando de 1 (nunca) a 5 (sempre);
3. Una os pontos, verificando como ficou o desenho.



Se você ficou perto do nº 5 na maioria das respostas, parabéns! Você tem cuidado bem do seu corpo! Se não... que tal começar a cuidar mais dessa preciosa ferramenta a partir de agora?

2º Ciclo de Infância

Modulo I

O Espiritismo

A criação divina

Aula 2 - O espírito

ANEXO 1

MÓDULO I: O ESPIRITISMO
2º CICLO DE INFÂNCIA
PLANO DE AULA Nº 2
HISTÓRIA

JUSTIÇA DE CIMA

Quatro operários solteiros, quase todos da mesma idade, compareceram ao Tribunal de Justiça de Cima, depois de haverem perdido o corpo físico num acidente espetacular.

Na terra eram conhecidos como excelentes rapazes e tinham sido alvos das mesmas homenagens sociais e domésticas.

Na vida espiritual, contudo, mostravam-se diferentes, reclamando variadas apreciações.

Os quatro operários submeteram-se ao julgamento do juiz que havia examinado o processo de cada um.

Ao primeiro deles, cercado de pontos escuros, como se estivesse envolvido numa atmosfera pardacenta, o compassivo julgador disse, bondoso:

— As notas a seu respeito ressaltam pesados compromissos que você assumiu, utilizando seu trabalho para fins inconfessáveis. Há viúvas e órfãos chorando no mundo, guardando tristes recordações de você. (Ilustração 1)

E como o interpelado o olhou, envergonhado e aflito, recomendou o juiz: — Volte ao lugar onde viveu e recomece a luta de redenção, reajustando o equilíbrio daqueles que prejudicou. Naturalmente, você é obrigado a restituir-lhes a paz e a segurança.

Aproximou-se o segundo (Ilustração 2), que se movimentava sob irradiações cinzentas, e ouviu as seguintes considerações:

— Revelam os apontamentos que você lesou a fábrica em que trabalhava. Você deteve vencimentos e vantagens, aos quais não tinha nenhum direito. É, pois, indispensável retornar ao seu antigo núcleo de serviço e resgatar, junto dos companheiros lesados, o débito de alguns milhares de horas, em atividade assistencial.

Ao terceiro, que destoava dos precedentes pela clareza que o cercava (Ilustração 3), o juiz considerou:

— As informações de sua romagem na Terra atestou a louvável correção do seu proceder. Você não se valeu de suas possibilidades de serviço para prejudicar os semelhantes. Não traiu as próprias obrigações e somente recebeu do mundo aquilo a que fazia jus. Sua consciência está quite com a Lei. Pode, pois, escolher o seu novo tipo de vida, mas ainda na Terra, onde você precisa continuar no curso da própria sublimação.

Em seguida, surgiu o último. Vinha nimbado de belo esplendor, parecendo emitir felicidade e luz em todas as direções (Ilustração 4).

O juiz inclinou-se diante dele e informou:

— Meu amigo, a colheita de sua sementeira confere-lhe a elevação. Serviços de outro tipo esperam por você em planos mais altos.

O trabalhador humilde, como que desejoso de ocultar a luz que o coroava afastou-se em lágrimas de júbilo e gratidão, nos braços de velhos amigos que o cercavam contentes.

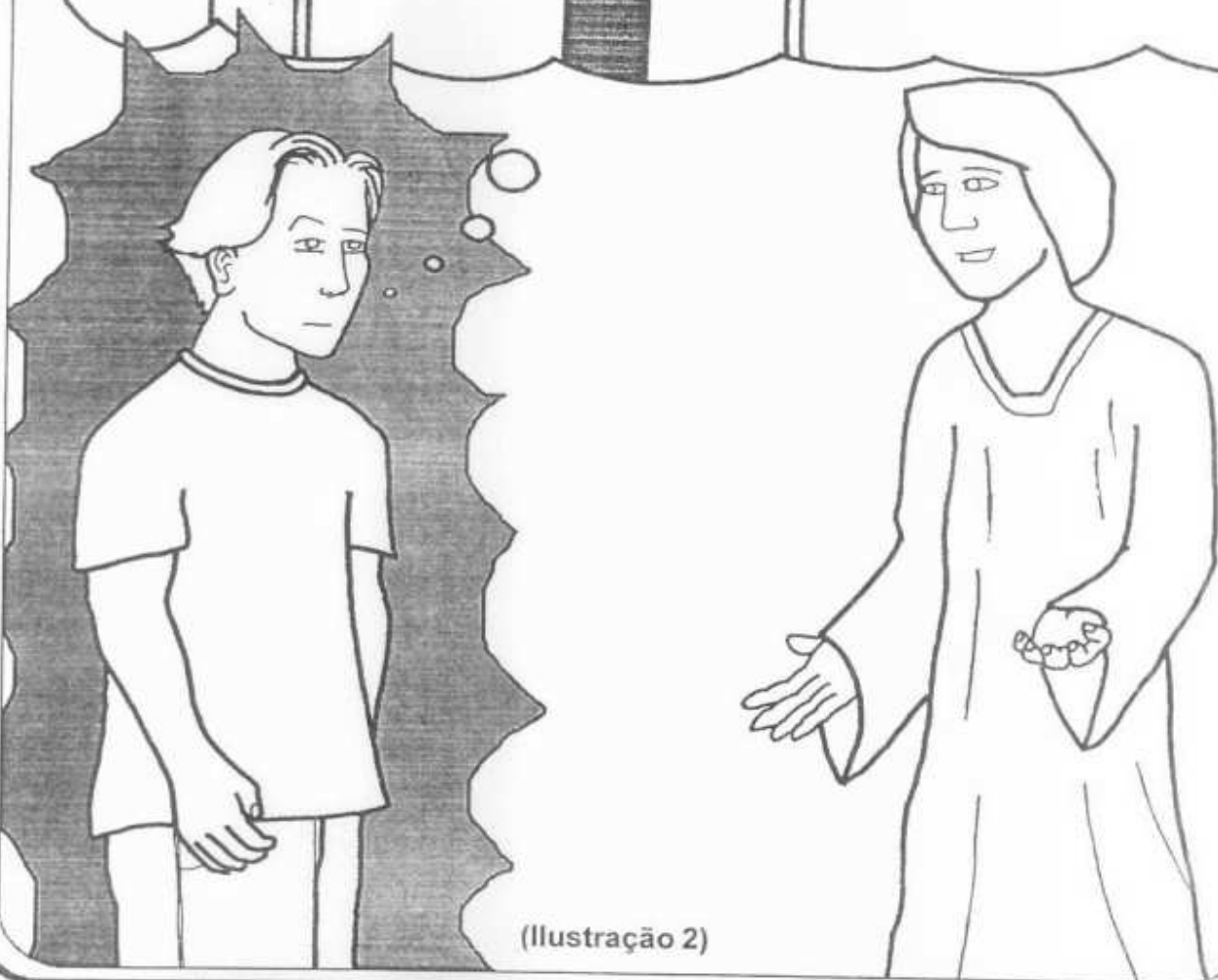
Então, o bondoso juiz explicou aos que ali estavam:

— O irmão promovido é um herói anônimo da renúncia. Nunca impôs qualquer prejuízo a alguém. Sempre respeitou a oficina que se honrava com a sua colaboração. Não se limitou apenas em ser correto para com os deveres, através dos quais conquistava o que lhe é necessário à vida. Sacrificava-se pelo bem de todos. Soube ser delicado nas situações mais difíceis. Inspirava confiança, estímulo e entusiasmo. Centenas de corações seguiram-no, além da morte, oferecendo-lhe preces, alegrias e bênçãos.

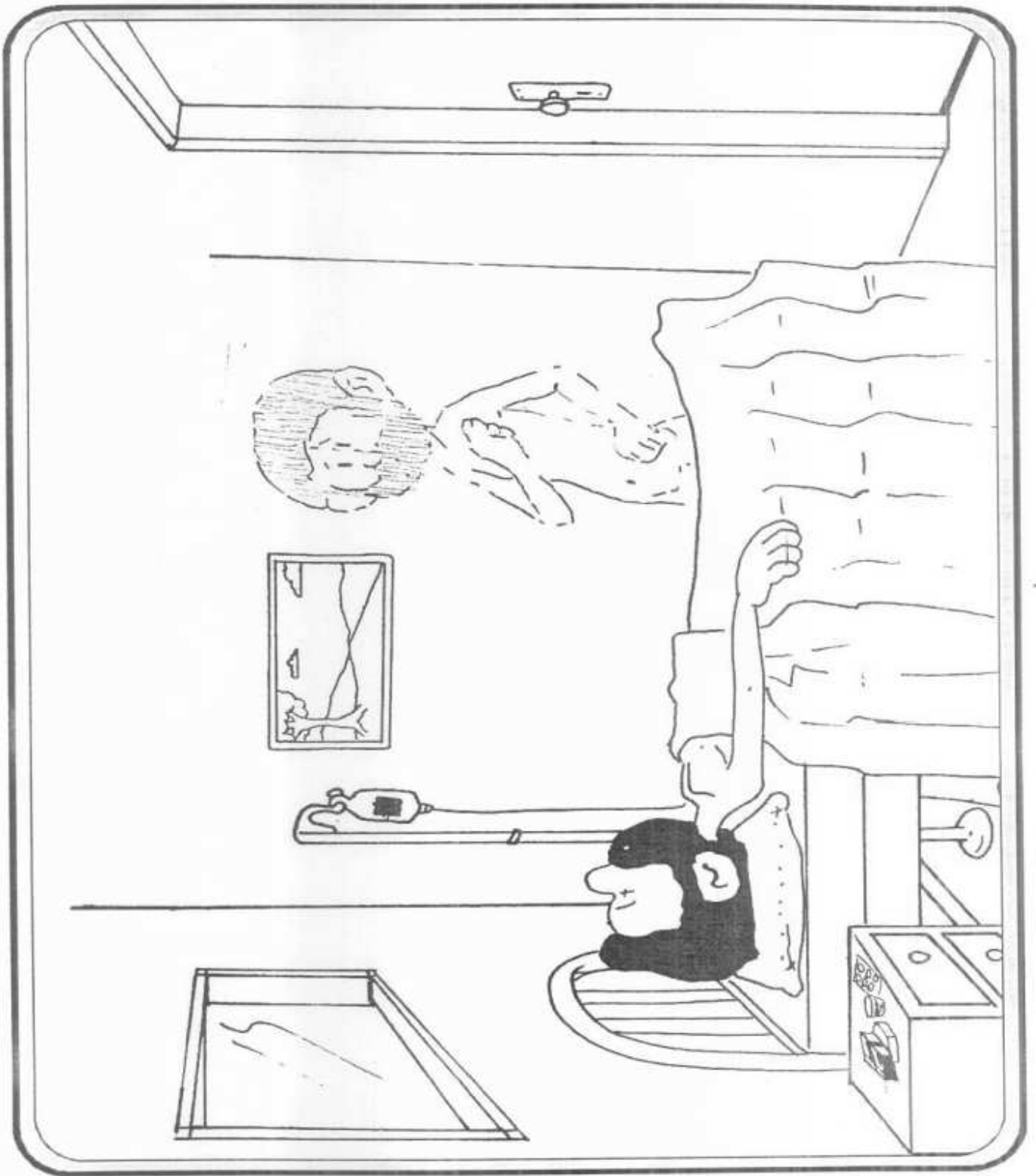
Calou-se o juiz. E, como o julgamento terminava, o Tribunal de Cima encerrou a sessão (Ilustração 5).

HOSPITAL

**PRECISA-SE DE
VOLUNTÁRIOS
PARA SERVIÇOS
ASSISTENCIAIS**



(Ilustração 2)



SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- 1- O que são espíritos?
- 2- Nós somos espíritos?
- 3- Existe vida após a "morte"?
- 4- Para onde vamos após o desencarne?
- 5- É possível encontrarmos pessoas que amamos que desencarnaram antes de nós?
- 6- Explique a frase: "morrer bem depende de se viver bem"
- 7- Depois que desencarnamos, nós poderemos visitar as pessoas que amamos que continuam encarnadas? Como?
- 8- Parentes queridos que já desencarnaram, como é o caso de alguns avós, podem nos visitar quando estamos encarnados?
- 9- O que é desencarnação?
- 10- Se nós continuamos a viver após o desencarne, isso significa que nós já existimos há muitos e muitos séculos. Certo ou errado?
- 11 - Se nós sobrevivemos após o desencarne, quanto tempo de vida nós temos pela frente?
 - a) Mais 10 encarnações.
 - b) Mais 1 encarnação.
 - c) A eternidade.

Observação: as perguntas poderão ser adaptadas dependendo dos aspectos e da profundidade sobre o tema.

2º Ciclo de Infância

Modulo I

O Espiritismo

A criação divina

Aula 3 - Provas da existência de
Deus

QUEM SOU EU?

1: _____

- a) Tenho orelhas grandes.
- b) Sou pequeno.
- c) Posso ser cinza.
- d) Meus dentes são grandes.

2: _____

- a) Tenho penas.
- b) Gosto de descobrir novos horizontes.
- c) Minha casa fica em cima das árvores.
- d) Adoro cantar.

3: _____

- a) Tenho orelhas grandes.
- b) Sou grande.
- c) Tenho um nariz que me ajuda a comer.
- d) Não sou leve.

4: _____

- a) Sou muito grande.
- b) As pessoas só podem me ver quando protegem seus olhos.
- c) Apareço mais no verão do que no inverno.
- d) Sou quente.

5: _____

- a) Posso ter centena de anos.
- b) Posso ser de vários tipos e tamanhos.
- c) Cresço com a ajuda da chuva.
- d) Forneço vários sabores.

6: _____

- a) Acompanho seu sono.
- b) Tenho 4 fases.
- c) Dizem que pareço com queijo.
- d) Pisaram em mim há pouco tempo.

7: _____

- a) Existo no rio.
- b) Existo no corpo humano.
- c) Existo no mar.
- d) Mudo de forma quando a temperatura muda.

8: _____

- a) Sem mim ninguém viveria.
- b) Não posso ser visto.
- c) Quanto mais puro sou, melhor para todos.
- d) Permito que o som se propague.

9: _____

- a) Levo a minha casa para onde vou.
- b) Não tenho muita pressa.
- c) Posso viver na terra ou na água.
- d) Posso ser pequena ou grande.

10: _____

- a) Meu coração bate o tempo todo.
- b) Ando sobre duas pernas.
- c) Consigo pensar sobre o passado, o presente e o futuro.
- d) Sou o mamífero mais evoluído da escala zoológica.

11. O que todos acima têm em comum?

Obs: Lembrem-se de registrar as respostas, com letras grandes, nas folhas correspondentes. Elas serão apresentadas à turma a seguir.

GRUPO: _____
RESPOSTAS ENIGMA Nº ____ : EU SOU...

GRUPO: _____
RESPOSTAS ENIGMA Nº ____ : EU SOU...

A LIÇÃO DE FULGÊNCIO

Fulgêncio era dono de um pequeno sítio nas proximidades de uma cidadezinha do interior. Sua propriedade, embora bem perto da cidade, ficava como que escondida, porque para chegar-se até ela, era necessário atravessar imensa floresta onde as árvores frondosas derramavam pelos caminhos a sombra de seus imensos galhos. Às vezes, mesmo em pleno dia, a estrada permanecia escura, tantas eram as folhagens que a cercavam e cobriam.

Fulgêncio nunca se dispunha a ajudar quem quer que fosse, mesmo aqueles a quem chamava de amigos. Não possuía, ou pelo menos assim dizia, nenhuma religião e se vangloriava disso.

Quando lhe chamavam a atenção, lembrando-lhe que Deus é o Pai de todos, o que nos faz irmãos uns dos outros, Fulgêncio fazia pouco e respondia, jocoso:

– Que nada! Eu trabalho e o que ganho é para mim apenas. Quem quiser alguma coisa na vida que faça o mesmo. Trabalhe também! Deus! Eu não acredito que exista. Nunca o vi! Nunca me deu nada e nem ajudou em coisa alguma!

E assim continuava o Fulgêncio, falando ... falando ... sem pensar muito no que dizia. Percebendo que os amigos que o rodeavam ficavam admirados de sua declarada descrença, mais se exaltava e categoricamente, assegurava que Deus não existia. Que era fruto da imaginação dos fracos! Pura ilusão!

Os dias continuaram passando e Fulgêncio, pobre como era, ia de seu sítio à cidade, todos os domingos, a pé. E como era cansativo! Quase duas horas de percurso!

Conversando alegremente com os amigos, passava o domingo inteiro no bar da cidade. Falava tanto que, às vezes, até dizia coisas que não eram verdadeiras.

Certo domingo, à noite, como nuvens escuras começassem a se formar no céu, Fulgêncio despediu-se de seus amigos, dizendo que ia voltar para o sítio. Disse ainda que não queria chegar muito tarde em casa naquela noite, visto ter muito serviço à sua espera. Mas, a verdade era outra! Fulgêncio, que se dizia muito corajoso, era, na verdade, medroso e tinha um medo danado de chuva. Sempre ficava trêmulo quando começava a ouvir trovões e ver relâmpagos.

Partiu, pois, à toda pressa, saindo da cidade a passos largos, alcançando logo a estrada. A noite se aproximava escura e alguns relâmpagos começavam a chicotear no céu. Receoso, apertava o passo cada vez mais, procurando vencer a distância o mais depressa possível, para trancar-se, a salvo dentro de casa.

Mas, não houve tempo! Não estava ainda na metade do caminho quando aquelas nuvens negras começaram a cair, em forma de grossos pingos. Os trovões aumentavam e se tornavam cada vez mais forte e os relâmpagos pareciam prestes a incendiar a floresta. Fulgêncio, mesmo contra a vontade, começou a tremer e a soluçar de medo. Nunca vira um temporal mais terrível! Que fazer? Nenhum lugar para se enconder daquela tormenta! Ninguém para ficar com ele! E o medo a crescer... a crescer... até que lhe veio uma idéia: Deus! Os amigos sempre falavam que Deus é o Pai de todos e ajuda a quem lhe pede. E se pedisse ajuda, seria atendido?

Correndo, começou a fazer pedidos ao céu! Elevando o pensamento a Deus, pedia-lhe que o auxiliasse, conforme achasse melhor. Sentia-se já exausto de tanto correr, quando lembrou de que ao lado direito da estrada, próximo ao lugar em que estava, havia um pequeno rancho. Apesar de muito pequeno e de ficar ao pé de um barranco, serviria perfeitamente para se abrigar durante uma noite. Dirigiu-se para lá. E lá estava o ranchinho! Que alívio! Bastava-lhe entrar para não mais sentir o vigor da chuva e do vento! Não se molharia mais! Fugiria dos trovões e não mais veria relâmpagos que tanto o

apavoravam...

E assim fez. Entrou no ranchinho e acomodou-se. Como estava cansado, não tardou a dormir acordando somente no dia seguinte, quando o sol, brilhante e forte, aquecia toda a natureza. Os passarinhos cantavam alegremente e as árvores exalavam um delicioso aroma peculiar, tão comum depois das chuvas.

Fulgêncio, revitalizado, foi para casa.

Durante a semana, preocupado com seu trabalho, esqueceu-se por completo dos momentos tristes pelos quais passara. Não mais se lembrou de que sentira medo e até pedira auxílio a Deus.

Dias depois, em visita novamente à cidade, conversando com os amigos, veio a saber dos desastres que a tempestade daquela noite provocara em toda a redondeza.

Um raio atingira uma grande árvore, rachando-a e incendiando-a por completo. Só cinzas e carvão restavam dela. Foi um horror! Muitas cercas caídas e animais mortos!

Fulgêncio ouvia tudo calado. Não contou a ninguém o desespero que também passara naquela noite. Sentia vergonha de pensar que seus amigos pudessem saber de tudo que lhe acontecera. Ele, Fulgêncio, homem feito, havia tremido e chorado! E o pior! Ele, que dizia não acreditar em Deus, havia orado, pedindo ajuda, enquanto corria feito louco pela estrada afora! Mas, tudo já havia passado e ninguém sabia de sua vergonha. Podia continuar a viver como até então. E mais que depressa procurou esquecer aquelas lembranças tristes, mudou de assunto, contando algumas histórias e fazendo rir seus companheiros.

Já era noite. O céu anunciava chuva outra vez.

– Não faz mal – pensou ele – vou rápido para o sítio.

Entretanto, em meio à caminhada, a tempestade o colheu em cheio. Já começava a se desesperar novamente, quando se lembrou do ranchinho, que havia ali perto. Enquanto os relâmpagos riscavam o céu, nosso amigo Fulgêncio apressava o passo e meditava consigo mesmo:

– Como fui tolo naquela noite! Fiquei tão apavorado com aquela chuva que cheguei até a pedir ajuda de Deus! Como se Ele pudesse vir me auxiliar! Ah! Não existisse aquele ranchinho à beira da estrada eu estaria perdido! Talvez Deus nem exista! Como iria atender os meus pedidos? Vivo bem sem Ele e nada vou pedir desta vez, porque sei defender-me sozinho! Logo chegarei ao ranchinho e me abrigarei antes que o temporal caia!

Mas qual! Não deu tempo! Mal acabara de sair, estoura a tormenta, com chuva grossa, relâmpagos e trovões que pareciam derrubar o céu! Fulgêncio desespera-se e corre... corre... O medo começava novamente a se apossar dele. Já não é mais medo, é pavor mesmo. E corre... corre... e chega às imediações do lugar onde havia o ranchinho. Com os olhos ansiosos, meio encolhido, para e olha! Que horror! Que dolorosa surpresa! O ranchinho estava totalmete soterrado por grande quantidade de terra desprendida do barranco.

Parado, olhando a terra molhada, Fulgêncio começou a pensar. Já não tinha mais medo de chuva. Outra preocupação começava a envolvê-lo e o resultado foram as lágrimas que começaram a escorrer-lhe pelo rosto. Arrepentido pelas palavras maldosas, a respeito de Deus, momentos antes! Caminhando a passos lentos agora ia Fulgêncio em direção ao sítio, com os cabelos ensopados e toda roupa colada ao corpo. Porém, dentro de seu coração, alguma coisa nova surgia: era a certeza de que Deus existia. E com este pensamento foi caminhando... caminhando... dentro da noite, em direção a sua casa.

GLOSSÁRIO

jocosos – que provoca riso.

leviana – imprudente.

percurso – trajeto, caminho.

receoso – temeroso, medroso.

tormenta – tempestade violenta.

vangloriar – envaidecer.



ILUSTRAÇÃO 7

DEUS MANDOU

Letra e música: Johnnie Wodd

DEUS MAN-DOU O SOL BRI-LHAR EM SEU FUL-GOR, NO LIN-DO CÉU,
 PA-RA TO-DOS A-LE-GRAR, ÊG SOL O-BE-DE-CEU. DEUS MAN-DOU A
 FLOR MOS-TRAR AS LIN-DAS CO-RDES QUE LHE DEU, SEU PER-FU-ME E-XA-AR, ÊA
 FLOR O-BE-DE-CEU. DEUS MAN-DOU A CHU-VA VIR DAS AL-TAS NU-VENS LA' DO CÉU,
 PA-RÁ TER-EA PRO-DU-ZIR, ÊA CHU-VÃO-DE-DE-CEU. DEUS MAN-DOU SE-RE
 PAS-SA-RI-NHO LA' DO CÉU, ÊEN-TRE GA-FOS SAL-TI-PR, E E-LEO-DE-DE-CEU.

Chords: F, C, Bb, F, C, C7, F, C, Bb, F, Gm7, C7, F, C, Bb, F, Gm7, C7, F, C, Bb, F, C, Bb, F, C, Bb, F, Gm7, C7, F, C, Bb, F, Gm7, C7, F.

DEUS MANDOU

F C Bb F C C7 F
Deus mandou o sol brilhar em seu fulgor, no lindo céu,

C Bb F Gm7 C7 F
Para todos alegrar, e o sol obedeceu.

C Bb F C C7 F
Deus mandou a flor mostrar as lindas cores que lhe deu,

C Bb F Gm7 C7 F
Seu perfume exalar, e a flor obedeceu.

C Bb F C C7 F
Deus mandou a chuva vir das altas nuvens lá do céu,

C Bb F Gm7 C7 F
Para a terra produzir, e a chuva obedeceu.

C Bb F C C7 F
Deus mandou sempre cantar o passarinho lá no céu.

C Bb F Gm7 C7 F
E entre ramos saltitar, e ele obedeceu.